P&G CALLED MY PSYCHIATRIST

"Explain to me what the hell you did with Cincinnati and Wall Street."



FERDINANDO FREGA

A P&G LIGOU PARA O MEU PSIQUIATRA

“Me explique que porra você fez com Cincinnati e Wall Street.”

The P&G Saga · 19

O telefone de casa tocava sem parar e ninguém atendia. Eu estava sozinho em casa, no chuveiro.

Estava dentro da minha cota semanal — o único banho que minha mulher tinha concordado em me dar. Ela dizia que se lavar demais estraga a pele de um homem, que eu tinha de ficar só limpo o suficiente.

Mas a verdade é que ela queria economizar na conta do gás.

E também achava que, se eu não me lavasse, não sairia com outras mulheres. Pena que ela não sabia que os banhos nas casas dos outros eram de graça. E sem custo nenhum.

Ahahaaahah

Cheguei ao telefone, mas já tinham desligado.

Pouco depois tocou de novo. Desta vez atendi, e era o meu médico — o meu psiquiatra, um professor universitário que eu não via havia mais de cinco anos — pedindo para me encontrar.

Deixei que ele escolhesse o dia e a hora, com disponibilidade imediata da minha parte: aceitei, naquela mesma tarde às 17h30, no consultório dele.

Cheguei vinte minutos antes, uma velha regra herdada do meu pai e adotada também pelos executivos da Terra do Sol Nascente.

Chegar antes a um compromisso significa que você já levou em conta os imprevistos, e isso faz de você alguém confiável e seguro de si.

Eu o vi sair da sala dele. A sala de espera estava cheia de gente que ele tinha de atender; cada um tinha hora marcada e levava 150 euros no bolso, só para ouvir que diabos ele tinha a dizer.

Ele veio na minha direção e me cumprimentou: “Caro colega, boa tarde, bem-vindo, eu estava esperando você.” Depois, virando-se para a secretária: “Carmen, adie todos os pacientes em pelo menos uma hora. Estou em reunião com o meu colega.”

Minchia, colega. Eu, com um 4 em italiano na escola e um diploma concedido por mérito esportivo, e as pessoas acham que eu sou médico. Que diabos ele está fazendo — ficou maluco?

Entramos no consultório e ele me fez sentar no cantinho de estar, uma poltrona ao lado da outra. Era a primeira vez para mim; eu sempre o tinha visto como paciente. Devia haver alguma coisa grande acontecendo, mas eu não conseguia entender o quê.

“Caro Ferdinando, deixe eu falar primeiro, o quanto eu quiser, e depois eu lhe dou os seus cinco minutos.” Ahahahahha

“Eu conheço você desde 2009, quando você veio me procurar pela primeira vez, trazido por um amigo médico nosso que já

faleceu, e nunca lhe cobrei nada."

"Confirmo, professor."

"Cale a boca, droga, já é difícil o bastante para mim falar com você, porque aqui todos nós entendemos uma coisa sobre você, sem Jung nem os filósofos do mundo: você é simplesmente alguém que ninguém espera que exista — e, no entanto, aí está você, na minha cidade, fazendo a cabeça do mundo girar.

"Vou ser breve: me explique que porra você fez com Cincinnati e Wall Street. Será possível que eu não possa deixar você sozinho nem por um minuto?"

Ahahahahah

"E aí tem eu — setenta e oito anos, professor universitário, presidente nacional da Associação dos Psiquiatras Italianos, duzentas publicações — e não consigo entender como você conseguiu romper a barreira da web.

"Todo mundo que eu conheço nos Estados Unidos me ligou. Queriam saber se o seu diagnóstico de transtorno bipolar é verdadeiro, e eu confirmei — mas nós dois sabemos que, se eu não tivesse confirmado, teriam tirado a sua pensão de 351 euros por mês.

"Agora me conte o que você andou aprontando. Mas antes eu preciso perguntar: você está tomando algum remédio, e o que está tomando?"

"Nenhum remédio há cinco anos. Só um valor fora do normal nos exames de sangue, mas nada preocupante."

“Sou eu que decido se é preocupante. Qual valor?”

“A testosterona em 1.400…”

Ele olhou para mim e respondeu: “*Minchia*, e como isso aconteceu?”

“A culpa é toda da minha vizinha. Ela tem um traseiro de conto de fadas. Eu a vejo e tudo se levanta.”

“Pare de brincadeira. Vamos falar sério.

“Me diga que porra você fez.”

“Fiz o que o senhor me ensinou, mas sem diploma, sem especialização, sem estudar, sem secretária.”

“O que isso quer dizer? Não estou entendendo.”

“Estudei o comportamento humano, me fantasiei de autor e coloquei tudo por escrito — assim ninguém pode dizer que exerci a medicina sem licença, sem registro no conselho, sem passar receitas nem dar diagnósticos.

“E encontrei os meus clientes na web. Mas, como não posso emitir notas fiscais, preferi não vender nada logo de cara. Vou fazer isso mais tarde, com todo o core business, para um único player — se ele aceitar cair na armadilha semântica.

“É só isso.”

“Tenho só uma pergunta para você.

“Por que deixar o italiano fora dos idiomas?”

“A Itália é um lugar onde você pode passar quinze dias de férias e comer bem, mas depois tem de ir embora. Senão,

assim que as pessoas começam a se interessar por você, lançam ataques injustos, ficam curiosas e até maldosas, difamam você e denunciam você.

"E a história do mundo nos ensina que este país nunca reconheceu os seus gênios — a começar pelo senhor, sem ir mais longe. Se o senhor tivesse nascido nos Estados Unidos, hoje teria tido outra vida. Só quando você volta com um reconhecimento do exterior é que eles o validam — e, mesmo assim, com desconfiança.

"E depois de dezoito processos criminais eu aprendi isso sozinho, e não preciso pedir permissão a ninguém."

Levantei-me daquela poltrona, olhei o relógio e disse: "Ainda me resta um minuto para lhe dizer uma coisa.

"Professor, obrigado — e eu amo o senhor."

Seu Ferdinando